

O Combate Urbano - Como organizar as unidades de combate da Brigada Blindada, para o investimento a uma localidade, baseado no estudo das campanhas em Beirute (1982), Grozny (1994) e Bagdá (2003)

ALEX ALEXANDRE DE MESQUITA,

Major do Exército, Mestre em Ciências Militares pela Escola de
Comando e Estado-Maior do Exército em 2007/2008,
Instrutor do Centro de instrução de Blindados no período de 2003 a 2006.

mexquita@gmail.com

RESUMO

Este trabalho aborda parte da dissertação de mestrado apresentada como requisito para o título de mestre em ciências militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e tem como tema o combate urbano: Os ensinamentos das campanhas em Beirute (1982), Grozny (1994) e Bagdá (2003), para a organização das unidades de combate da Bda Bld, no investimento a uma localidade. O principal objetivo é sugerir a organização da brigada blindada para o investimento a uma localidade, no que se refere aos elementos de combate batalhões de (BIB e RCC). Para isso foi realizada uma pesquisa documental a respeito das três campanhas em publicações norte-americanas e israelenses, em material produzido por simpósios e seminários nacionais e estrangeiros, bem como em sites disponíveis na internet. Ainda dentro da pesquisa documental foram compulsados manuais nacionais e estrangeiros que abordam o tema. A pesquisa de campo atingiu militares do Brasil, em particular da ECEME, CIBld, CAAdEx, CIOPaz, EsAO, dentre outros e também do exterior com destaque para oficiais israelenses e norte-americanos, procurando principalmente coletar suas experiências reais. O artigo apresenta uma introdução ao tema, em seguida apresenta os resultados da pesquisa, apresenta alguns tópicos para discussão e finaliza com uma conclusão onde as idéias levantadas ao longo da dissertação são ratificadas e recomendações são sugeridas.

Palavras-chave: Brigada Blindada. Operações em Ambiente Urbano. Investimento em localidade.

ABSTRACT

This article is part of monograph presented in Command and Staff College and approaches campaign teachings in Beirut (1982), Grozny (1994) and Baghdad (2003) on the organizations of Armor Brigade on combat unit from Armor Brigade in Urban Terrain. It was carried out a documental research on the three campaigns on North-American and Israelis publications, national and international seminars and websites. It was also used national and international manuals. It was listened to Brazilian militaries, in particular from Command and Staff College, Brazilian Armor Training Centre, Training and Evaluation Centre, Peace Operations Training Centre, Officer Advanced Course. It was consulted foreign officers in particular from United States and Israel to learn by their experiences in combat. This article is divided in introduction, results, discussion and conclusion with some recommendations.

Keys words: Armor Brigade. Operations in Urbanized Terrain. Attack in cities.

1 INTRODUÇÃO

O combate urbano não é um fenômeno militar dos tempos atuais, mas sim um elemento que já acompanha o homem desde a antiguidade e os inúmeros casos de cercos a cidades e fortalezas que ocorreram desde essas épocas remotas propiciaram o desenvolvimento de incontáveis engenhos bélicos, técnicas e táticas, com a finalidade de apoiar tanto o atacante quanto o defensor.

Durante a Guerra Fria, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) estava profundamente preocupada com a crescente urbanização da Europa. Isso poderia constituir-se em um óbice ao emprego de meios nucleares, mesmo que de pequena potência, levando a que os países dessa organização levantassem a hipótese da ocorrência de combates em áreas urbanas, como fica demonstrado abaixo, pela transcrição de um artigo do exemplar de outubro de 1977 da revista *Military Review*:

Os piores problemas surgem quando se imagina que um país por inteiro poderá tornar-se urbanizado de tal forma que as cidades se constituam nas principais características do terreno (cerca de 70% da população da Alemanha Ocidental vive atualmente em áreas urbanas), porque não é somente o número dos que moram em grandes subúrbios contínuos que torna as áreas urbanas importantes, mas sim o somatório de fatores entre os quais figuram a distribuição física de pequenas vilas, a localização das áreas construídas em relação às florestas e rios e o potencial para a utilização de terreno urbano como parte de um planejamento militar. (BRACKEN, 1977, p.70).

Essa preocupação se justificou ao longo dos anos, pois houve um aumento no número de combates que ocorreram em cidades, podendo-se citar: Saigon (1975), Beirute (1982), Cidade do Kwait (1991), Mogadíscio (1993), Grozny (1994 e 1999) e Bgadá (2003), dentre outras. Com isso, houve um incremento nos debates no âmbito dos Exércitos mundiais a respeito do tema e mais especificamente a respeito do emprego de meios blindados.

Atualmente, no que se refere ao Brasil, há tropas do Exército e da Marinha enfrentando o ambiente operacional urbano na Missão das Nações Unidas para a

Estabilização do Haiti (MINUSTAH) com o emprego de Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal Urutu e Piranha. Além disso, o Estado-Maior do Exército tem demonstrado sua preocupação com o tema por meio de iniciativas como intercâmbios com o Exército Norte-americano e seminários internos como o conduzido em 2007, na sede da 12ª Brigada de Infantaria Leve Aeromóvel.

Apesar dessas experiências, a literatura institucional do EB a respeito do emprego de forças terrestres em localidade merece ser atualizada, principalmente quando o enfoque é o emprego de meios blindados e nesse assunto cabe destacar especificamente o emprego da Brigada Blindada.

Sabe-se que o poder de combate da brigada blindada repousa no emprego combinado dos carros de combate e dos fuzileiros blindados e as suas peças de manobra são organizadas, equipadas e adestradas para o cumprimento de missões de caráter ofensivo, altamente móveis, decisivas e caracterizadas pela predominância das ações de combate embarcado, seja em operações ofensivas, seja em operações defensivas.

Em função das características acima, o emprego da Brigada Blindada em ambiente urbano vem sendo tratado como pouco desejável, contudo, pelas características dos atuais conflitos, essa situação se torna cada vez mais comum e, dessa forma, faz-se necessário o estudo do emprego dessa Grande Unidade (GU) também nesse ambiente operacional.

Para esse estudo o autor buscou a experiência de Exércitos e campanhas de referência no assunto, selecionando os combates em Beirute (1982), Grozny (1994) e Bagdá (2003), como aqueles que poderão agregar um bom conhecimento, em particular sobre o emprego de meios blindados. Além disso, manuais do Exército dos Estados Unidos; monografias nacionais e estrangeiras; artigos em revistas, seminários, livros dentre outros permitiram uma análise bastante abrangente do assunto.

Desta forma, este trabalho busca contribuir para a supressão de possíveis demandas existentes, no que se refere ao emprego da Brigada Blindada (Bda Bld) no investimento a uma localidade, particularmente no que diz respeito à organização das suas unidades de combate, buscando responder à seguinte questão problema: Qual a melhor maneira de se organizar as unidades de combate da Bda Bld (BIB e RCC) para o investimento a uma localidade, com base nos ensinamentos das campanhas em Beirute, Grozny e Bagdá?

2 AS CAMPANHAS EM BEIRUTE, GROZNY E BAGDÁ

O estudo dos três conflitos selecionados foi realizado com base nos fatores da decisão, enfocando o emprego de meios blindados em ambiente urbano. Esse estudo proporcionou uma série de importantes reflexões sobre o comportamento dos sistemas de armas e sobre o emprego de uma brigada blindada nesse ambiente e as principais conclusões contribuíram para a validação da hipótese conforme será abordado a seguir.

Em termos da missão a ser cumprida, a conclusão que fica é que quando o objetivo final for somente controlar partes vitais da cidade, relacionadas ou não à sua infra-estrutura, a melhor forma de investir em uma localidade é realizando um investimento seletivo. Isto é, um movimento vigoroso e agressivo pelas vias de acesso, evitando as resistências existentes, não realizando o vasculhamento casa a casa. Esse vasculhamento só será realizado quando houver necessidade de assegurar a segurança de uma Estrada Principal de Suprimento (EPS) ou quando for necessário expandir os objetivos conquistados.

Essa prática foi confirmada pela análise da conquista de Bagdá, pela *2nd Brigade Combat Team* e pela conquista da estação de trem de Grozny por forças russas. Em Israel, sempre que foi possível, as Forças de Defesa de Israel (FDI) também privilegiaram o investimento seletivo.

A organização da brigada em Forças Tarefas (FT) é outro fator determinante para o sucesso do investimento, pois essa organização proporciona a desejável sinergia entre a ação de choque do carro de combate e a proteção aproximada do fuzileiro. Norte-americanos e israelenses compreenderam isso muito bem e lograram êxito em suas operações, os russos, contudo, desconsideraram essa necessidade e sofreram com a derrota em 1994.

Por fim, a organização da Bda em forças com missões distintas foi bem explorada pelos americanos em Bagdá, quando organizaram forças de assalto fortes em carros de combate para conquistar os palácios de Sadam Hussein e uma FT valor unidade de fuzileiros para garantir a fluxo de suprimento e comunicações ao longo da rodovia número 8¹.

O outro fator da decisão importante é o terreno. O estudo comprovou que quando o terreno se apresentar amplo, organizado de forma regular e não estiver totalmente modificado pelo inimigo, o desejável é realizar um investimento seletivo.

Os norte-americanos souberam aproveitar esse conhecimento em Bagdá, uma cidade plana, moderna, organizada em quarteirões, onde os objetivos finais, os palácios de Sadam Hussein, estavam localizados em áreas amplas e com campos de tiro profundos, permitindo a progressão rápida de seus meios blindados, bem como a sua dispersão. Soma-se a isso o fato de que o inimigo não se preocupou em fortificar a cidade, alterando pouco a sua configuração original, possibilitando o investimento da *2nd Brigade*.

Já em Grozny, a despeito da sua configuração regular, o fato de os chechenos alterarem as edificações, fortificando a cidade durante quatro anos, foi determinante para que não fosse adotado um investimento seletivo, mas sim uma limpeza casa a casa.

Em Beirute, por conta da configuração irregular da cidade, muitas vezes os israelenses conjugaram os dois tipos de investimento. Em ambas as campanhas,

¹ ZUCCHINO, David. *Thunder Run: the armored strike to capture Baghdad*. 1. ed. New York: Grove Press, 2003.

entretanto, era indicado o emprego de Forças Tarefas (FT), no que se refere ao fator da decisão Terreno.

Quanto ao inimigo, pode-se concluir que quando o inimigo for fraco o investimento seletivo é o mais indicado. Contudo, contra inimigos fortes o investimento seletivo ainda pode ser empregado desde que incida em seu flanco vulnerável. Enquanto isso, o investimento sistemático está sendo conduzido contra a maior resistência inimiga. Em ambas as circunstâncias é extremamente desejável que a Bda seja organizada em FT, principalmente quando se identificar que o inimigo possui armamento anticarro.

Em Bagdá essa situação ficou bem clara, o inimigo estava desorganizado e ofereceu pouca resistência, favorecendo o investimento seletivo. Em Beirute havia áreas com fortes resistências, onde as FDI empregaram o investimento sistemático. Por fim, em Grozny, os russos deveriam ter empregado o investimento sistemático, por conta do inimigo bem preparado, o que não ocorreu em função de um deficiente estudo de inteligência realizado.

O estudo a luz do último fator da decisão, os meios blindados, revelou que ao empregar meios blindados o ideal é realizar um investimento seletivo, para aproveitar as suas características de potência de fogo, mobilidade tática, ação de choque e efeito psicológico. Entretanto, face às suas vulnerabilidades é extremamente recomendável a organização de FT CC/Fuz², em particular quando houver a possibilidade do emprego de armas anticarro.

Em Beirute isso ocorreu fruto da experiência na Guerra do Yom Kippur e dos combates em Suez City e Jerusalém. Já em Grozny os russo erraram mais uma vez, empregaram o investimento seletivo, mas não selecionaram corretamente os eixos de progressão e não compuseram FT. Em Bagdá houve a conjunção desses dois aspectos, facilitado pelo material quase que invulnerável ao armamento iraquiano.

A análise das três campanhas auxiliou na comprovação da hipótese proposta e mais do que isso proporcionou informações que confirmam a idéia inicial do trabalho de que é possível empregar meios blindados em ambiente urbano, conforme prevê o manual FM 3-06 do Exército Norte-americano.

Urban combat is also an armor fight. Tank support of Infantry was a key element in many recent urban battles. Tanks act best as assault guns to reduce strongpoints. The use of armored vehicles has only been effective when they have been protected by Infantry. Lack of Infantry to protect armored forces leads to disaster on restricted urban terrain." (FM 3-06, p 2-18).

O combate urbano também é um combate blindado. O apoio dos carros de combate à Infantaria foi o elemento chave nas diversas e recentes batalhas urbanas. Carros de combate atuam melhor como armas de assalto para reduzir os pontos fortes. O uso de veículos blindados tem sido efetivo somente quando tem havido a proteção da Infantaria. Pouca Infantaria para a proteção das forças blindadas conduz ao desastre no restrito terreno urbano.

² Forças Tarefas Carros de Combate e Fuzileiros Blindados.

3 O COMBATE URBANO

O estudo proposto analisou aspectos relevantes a respeito do combate urbano, das operações em ambiente urbano, do estudo de inteligência, da interação desse ambiente com os Materiais de Emprego Militar (MEM) dos BIB e dos RCC e por fim a sua influência na determinação do poder relativo de combate foi possível chegar a algumas conclusões relevantes.

Primeiramente, é importante que durante a análise da missão o comandante da brigada e o seu estado-maior entendam a interação existente entre a sociedade, a área urbana e a infra-estrutura da localidade. É de vital importância o entendimento que o elo entre a sociedade e a área urbana é a infra-estrutura e quem a controlar incidirá decisivamente no processo decisório do oponente e em seu poder de combate.

A respeito do estudo de inteligência o E2 deve identificar que existem diversos modelos de localidade, bem como diversas configurações de ruas³. Essa percepção é necessária para que, juntamente com o E3 seja possível determinar o terreno mais apropriado para cada natureza de elemento de manobra da brigada (BIB ou RCC).

A análise do inimigo deve atentar para as observações levantadas a respeito de possíveis formas de atuação durante o conflito. Identificada a forma de atuação torna-se mais fácil identificar as características do combate que será conduzido em função do *modus operandi* do inimigo, conforme apresenta o quadro abaixo:

FORMA	DESIGNAÇÃO	CONCEITO
1 ^a	Combate Convencional	- O Combate Convencional deriva da Guerra Convencional e é conduzido dentro dos padrões clássicos e com o emprego de armas convencionais. É o principal objetivo da preparação e do adestramento das forças armadas da grande maioria dos países.
2 ^a	Combate de Resistência	- O Combate de Resistência deriva da Guerra de Resistência Nacional e ocorre quando forças armadas de um país militarmente fraco empregam táticas de guerrilha, ou forças irregulares, para resistir e expulsar um invasor militarmente mais poderoso, contando com o apoio da totalidade ou parcela ponderável da população.
3 ^a	Combate Irregular	- O Combate Irregular deriva da Guerra Irregular e é executado por forças não-regulares ou por forças regulares fora dos padrões normais do combate regular, contra um governo estabelecido ou um poder de ocupação, compreendendo ações interligadas de guerra de guerrilha, de fuga e evasão e de subversão.

Quadro Nr 1 Formas de atuação em combate urbano.

Fonte: Autor, adaptado do C 20-1 Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército.

A respeito do emprego dos MEM dos BIB e dos RCC, a influência do ambiente urbano é de suma importância na medida em que as características,

³ Modelo de cidades: satélite, rede, linear e segmentado. Modelo em relação à configuração das ruas: Modelo radial, Modelo em grade ou quarteirões e Modelo irregular. Fonte: FM 3-06.

possibilidades e limitações desses materiais sofrem uma considerável alteração no que se refere à eficiência e à eficácia de seu emprego. Todos os comandantes, nos diversos escalões devem compreender de que maneira o ambiente urbano repercute em seus MEM, prevendo o possível desempenho dos mesmos e de que forma as suas limitações poderão ser minimizadas.

A importância da compreensão da interação dos MEM com o ambiente urbano afeta diretamente a determinação do poder de combate e do poder relativo de combate previsto nos Dados Médios de Planejamento (DAMEPLAN) e dessa forma na determinação de realizar um investimento sistemático ou seletivo.

A tendência é que o ambiente urbano haja a redução do poder de combate e do poder relativo de combate do atacante que não possua capacitação específica para realizar operações nesse ambiente. Essa mesma tendência faz aumentar os valores do defensor que preparou a localidade para as suas ações. Assim, o comandante e seu estado-maior devem considerar adaptações na relação quantitativa para a execução de diferentes operações prevista no C 7-20, p. 4-45 e 4-46.

As conclusões chegadas a respeito do combate urbano serviram de subsídio para a continuação do estudo, em particular no que diz respeito à organização da brigada blindada para o investimento a uma localidade, assunto que será abordado a seguir.

4 A BRIGADA BLINDADA DO EXÉRCITO BRASILEIRO NO INVESTIMENTO A UMA LOCALIDADE

Conforme já apresentado a brigada blindada é prioritariamente organizada para conduzir operações ofensivas, com grande mobilidade, em largas frentes e grandes profundidades e com a predominância da ação de choque de seus meios orgânicos que mobilizam os BIB e os RCC.

A brigada blindada também é um dos principais instrumentos para a consecução da concepção geral da Doutrina Delta, principalmente no que se refere à exploração dos Princípios de Guerra. No que diz respeito às operações ofensivas a brigada também tem plena capacidade de explorar os fundamentos inerentes a essas operações, principalmente por conta de suas características e da sua organização quaternária até o nível unidade.

A possibilidade de organizar as suas unidades em Forças Tarefas garante a flexibilidade necessária para atuar em diversos ambientes principalmente naqueles que exigem o poder de fogo dos carros de combate, a proteção aproximada e a capacidade de manutenção do terreno inerente aos fuzileiros. Tudo privilegiando o princípio da sinergia, reduzindo deficiências e incrementando as capacidades. Todas essas conclusões servem para responder ao questionamento a respeito da viabilidade de emprego da brigada blindada em ambiente urbano e de que forma esse emprego poderia ser bem sucedido.

Primeiramente é importante ressaltar que dentre os tipos de investimentos a uma localidade previstos na doutrina do EB, o que mais se coaduna com a brigada

blindada é o investimento seletivo. Isso se dá pelo fato de que esse tipo de investimento permite explorar as possibilidades da brigada da melhor maneira possível, principalmente a ação de choque, a mobilidade, a proteção blindada e a potência de fogo, possibilitando ao comandante tático explorar os Princípios de Guerra da ofensiva, massa, manobra e da surpresa⁴.

Além disso, a brigada tem como alocar um grande poder relativo de combate na frente mais importante, graças à sua organização quaternária, garantindo a iniciativa das ações, a rapidez e a flexibilidade necessárias ao combate moderno. Graças à proteção blindada de seus meios, têm boas condições de reduzir as perdas para as nossas forças durante o combate. Além disso, a flexibilidade já mencionada proporciona a condução do investimento sistemático com inequívoca competência, pela presença de dois BIB a quatro subunidades cada um.

Para cumprir esse tipo de missão deve ser dada especial atenção às medidas de coordenação e controle, principalmente à marcação de objetivos que permitam o desdobramento de viaturas blindadas em grande número e traçado de limites e a conseqüente determinação de zonas de ação que contemple vias de acesso compatíveis com as frentes a serem ocupadas pelas unidades.

Ao par disso, a determinação do poder de combate para o investimento deve sempre focar a necessidade de selecionar frentes e empregar a maior proporção de poder de combate possível na frente mais fraca do inimigo, principalmente quando se tratar do investimento seletivo. Isso possibilitará explorar a ação de choque e a velocidade dos meios blindados contra fracas resistências, desequilibrando o combate em favor do atacante.

O valor e a localização da reserva têm vital importância no planejamento e estão relacionados intimamente com o tipo de investimento selecionado. Para a realização de um investimento sistemático, o emprego de uma reserva a uma subunidade é plenamente aceitável.

Para o investimento seletivo, atribuir a missão de vasculhar e reduzir as resistências ultrapassadas para a reserva, conforme prevê o C 7-20⁵, não parece ser a melhor opção, pois isso redundaria na organização de uma reserva com maior valor e reduz a capacidade do comandante da brigada intervir no combate quando necessário.

Buscando reduzir essas deficiências e aproveitar as características da brigada blindada foram propostas três formas de organização que privilegiam a mobilidade, potência de fogo, a ação de choque, a flexibilidade e o efeito psicológico que grandes formações blindadas têm sobre o inimigo.

A primeira delas é a Brigada (Bda) organizada em Força de Assalto, Força de Limpeza e Reserva. A brigada organizada dessa maneira investe na localidade com a Força de Assalto iniciando o ataque de forma rápida e agressiva para

⁴ O senso comum não indica o emprego de meios blindados em ambiente urbano. A doutrina militar terrestre brasileira também não prioriza o emprego dessa GU nesse tipo de ambiente. Assim sendo, ao empregar uma brigada blindada de forma judiciosa, no investimento a uma localidade o princípio da surpresa estará sendo amplamente valorizado.

⁵ **As resistências desbordadas são limpas pela reserva** [o destaque é nosso]. C 7-20, p.4-120.

conquistar os objetivos mais profundos e a Força de Limpeza, em seguida, realiza o vasculhamento onde houver necessidade. A Força de Assalto age como um punho de aço contra as posições inimigas. Essa técnica é semelhante à realizada pelos norte-americanos na conquista de Bagdá.

A segunda forma é a Bda organizada em Força de Segurança, Força de Assalto e Reserva. A brigada organizada dessa maneira investe na localidade com a Força de Segurança iniciando o ataque de forma rápida e agressiva para conquistar objetivos de segurança e a Força de Assalto ataca em seguida, para conquistar o objetivo decisivo. A brigada desdobra-se como martelo e bigorna, encurralando o inimigo. Essa técnica é semelhante à empregada pelo Exército Israelense em Beirute e atualmente na faixa de Gaza.

A terceira forma de organização é composto Forças de Assalto e reserva. A brigada organizada dessa maneira investe na localidade com as suas unidades composto Forças de Assalto independentes que iniciam seu ataque simultaneamente também de forma rápida e agressiva, para conquistar objetivos no interior da localidade. Após isso esses objetivos são expandidos. Não há vasculhamento e nem conquista de regiões de apoio. Essa técnica foi empregada com sucesso pelos israelenses na cidade de Nablus em 2003.

Essas três propostas vão ao encontro do que prevê a concepção geral da Doutrina Delta⁶, principalmente em função de permitirem:

- o combate com grande ímpeto valorizando a manobra;
- o combate não linear;
- o emprego do máximo poder de combate no local e momento decisivo;
- o emprego de grandes efetivos de fuzileiros a pé, valorizando a rapidez, a ofensiva e a surpresa;
- a decisão da campanha no mais curto prazo;
- grande flexibilidade para aproveitar o êxito, conforme prescreve o manual C 100-5;
- o mínimo de perdas por empregar efetivos embarcados.

Contribui para essa conclusão as considerações feitas pelo General Shuki, que, em sua entrevista em dezembro de 2007, disse que quando do emprego de forças blindadas em ambiente urbano o importante é: “Mark objectives inside the city without clearing all buildings but rather bypassing them”⁷.

Apesar de esse estudo privilegiar o emprego da brigada realizando o investimento seletivo, a flexibilidade proporcionada pela organização da brigada blindada com dois BIB e dois RCC e a possibilidade de compor FT permitem que ela conduza os dois tipos de investimento com plenas condições de sucesso. O que deve ficar como orientação geral é que face a uma forte resistência inimiga o ideal é realizar um investimento sistemático e caso ocorra o contrário, o indicado é o investimento seletivo.

⁶ IP 100-1, p.1-5.

⁷ “Marque objetivos no interior da cidade sem limpar todos os prédios, mas ultrapassando-os”. Entrevista concedida ao autor pelo Gen Shuki, em março de 2007.

Em resumo, a brigada blindada possui plenas condições de realizar o investimento em localidade empregando os dois tipos previstos. Caberá ao comandante da GU ou do comando enquadrante identificar a melhor oportunidade de empregá-la e da melhor maneira possível, corrigindo possíveis equívocos doutrinários que são fruto da evolução da arte da guerra.

5 PESQUISAS DE CAMPO

Conforme apresentado anteriormente, foi realizada a pesquisa de campo com base em questionários e entrevistas. Algumas questões foram comuns, de modo a determinar o grau de entendimento geral de determinado assunto ou a opinião a respeito de determinado questionamento. Assim, serão apresentadas as diversas questões, com suas respectivas respostas e análises subseqüentes.

Uma das questões era relativa à importância do estudo do combate em área urbana. Somente 2% desconsideraram a importância do estudo, enquanto ninguém o descartou por completo. Isso contribui para evidenciar a importância desse trabalho e para a necessidade de se continuar a pesquisa a respeito do assunto.

Outra questão dizia a respeito ao emprego de meios blindados em ambiente urbano. As respostas atestam que a maioria dos questionados acreditam que o emprego de meios blindados nesse ambiente é fundamental para o sucesso da manobra tática (95%). Entretanto, há um percentual de 5% que acreditam que empregar meios blindados em ambiente urbano não é uma boa opção. Essa impressão foi revelada pela parte do universo pesquisado que não havia servido em OM Bld e desta forma não possui experiência no emprego de meios blindados e (ou) entendem que a melhor forma de investir em uma localidade é realizando a limpeza casa a casa, isto é, o investimento seletivo.

A terceira questão perguntava sobre qual linha de ação deveria ser proposta ao comandante da brigada para investir em uma localidade genérica com o inimigo composto por pequenos efetivos de até dez homens armados com fuzis e arma anticarro portáteis. A resposta contribui para a validação da hipótese, na medida em que 72% dos consultados entenderam que compor FT seria a melhor opção. Entretanto 28% do universo não consideraram essa linha de ação a melhor a ser sugerida.

Dentro do mesmo escopo, outra questão perguntava qual o melhor tipo de investimento a ser realizado pela brigada blindada considerando as características de potência de fogo, proteção blindada e ação de choque das frações blindadas, bem como a velocidade advinda da conjunção desses fatores.

As respostas apontam para uma percentagem de 71% a favor do investimento seletivo contra 29% em favor do investimento sistemático. Analisando as pesquisas foi possível identificar que aqueles que optaram pelo investimento seletivo tinham um bom conhecimento das campanhas, haviam trabalhado com meios blindados e em algum momento da carreira haviam servido na EsAO, no CIBld ou no CAAdEX, OM do EB que constantemente tratam do tema e que estão em constante pesquisa.

Concluindo, os resultados obtidos por meio da pesquisa de campo contribuíram para traçar um panorama a respeito do conhecimento do tema, para identificar algumas das demandas a serem atendidas e para a validação da hipótese.

6 DISCUSSÃO

O principal ponto de discussão levantado diz respeito à pertinência ou não de se abordar um tema que contemple o emprego de uma GU Bld em ambiente urbano. O estudo das três campanhas confirma a necessidade da abordagem do assunto e a pesquisa de campo também auxilia nessa conclusão.

Além disso, é importante aprofundar o estudo a respeito do poder de combate e poder relativo de combate em ambiente urbano, de modo a atualizar os valores previstos nos DAMEPLAN.

A pesquisa realizada comprovou também que o emprego de meios blindados em ambiente urbano de forma nenhuma contribui para o insucesso de uma campanha, muito pelo contrário. Diferentemente do que se tem como verdade absoluta a derrota dos russos na Chechênia não foi causada pelo emprego de blindados, mas sim pela conjunção de diversos fatores como inexperiência, deficiente estudo de inteligência e emprego equivocado de meio das GU Bld, conforme registra o estudo realizado pelo Dupuy Institute denominado *The Historical Combat Effectiveness of Lighter-Weight Armored Forces – Final Report*.

Finally, there are two cases on the list where the attacker suffered serious armor losses in taking cities. These are the first battle of Grozny, in 1995[...]. These two examples are often cited as support assumption that armor losses in cities are high, in fact our data shows the opposite to be true. [...]the Grozny operation lasted for several days. It was an incompetent waste of armor and soldier's lives [...].(Estados Unidos. Department of the Army. Center for Army Analysis. **The Historical Combat Effectiveness of Lighter-Weight Armored Forces – Final Report**. The Dupuy Institute. Fort Belvoir. Virginia, 2001. p. 79).

Finalmente há dois casos na lista onde o atacante sofreu sérias perdas de blindados ao tomar uma cidade. São elas a primeira batalha de Grozny, em 1995 [...]. Esses dois exemplos são frequentemente citados para apoiar o fato de que as perdas de blindados em combate urbano são altas, quando de fato nossos dados mostram que o oposto é que é verdade. [...] a operação em Grozny durou vários dias. Foi uma perda incompetente de blindados e soldados[...]

Cumpra ainda levantar como ponto a ser explorado por futuros estudos a concepção de que o investimento sistemático é a única forma eficiente de se conquistar uma localidade. O estudo realizado mostrou que esse conceito é fruto do paradigma checheno, em particular dos acontecimentos ocorridos com a Brigada Maykop na noite de ano novo de 1994.

7 CONCLUSÃO

O emprego de forças militares combatendo em ambiente urbano é um assunto extremamente importante para os diversos segmentos das Forças Armadas e em particular para o Exército Brasileiro (EB).

Foi por conta dessa importância que o presente trabalho foi concebido tendo como objetivo comprovar a hipótese de que a melhor maneira de se organizar a brigada blindada para o investimento a uma localidade é compondo Forças Tarefas Batalhão de Infantaria Blindado e Força Tarefa Regimento de Carros de Combate, realizando o investimento seletivo. Essas forças estarão divididas em Força de Assalto, Força de Limpeza / Força de Segurança e Reserva cada uma com missões específicas.

Ao longo da análise bibliográfica foi possível concluir que no Líbano e no Iraque os israelenses e os norte-americanos empregaram suas grandes unidades blindadas com o objetivo de desequilibrar a relação de forças em seu favor, empregando técnicas de investimento seletivo. No caso dos norte-americanos foram empregadas forças com a missão específica de investir e conquistar objetivos e outras com a missão de realizar a limpeza das resistências ultrapassadas.

Nessas duas campanhas, um dos principais princípios de guerra evidenciados foi o da surpresa, uma vez que à época dos conflitos e até os dias atuais não se considera como comum o emprego de meios blindados em ambiente urbano.

Em Grozny, em contrapartida, uma conjunção de fatores foi responsável pelo revés dos russos na tentativa de conquistar o Palácio Presidencial, sendo que o principal deles foi subestimar os chechenos e com isso desdobrar tropas inexperientes e sem o devido adestramento contra um inimigo conhecedor da doutrina russa e por isso mesmo extremamente preparado para resistir. O emprego de meios blindados não teve relação direta com o revés ocorrido. A derrota russa ainda impacta a doutrina militar terrestre brasileira ao considerar o investimento sistemático com a melhor solução para a condução do combate urbano.

A pesquisa de campo contribuiu para ratificar a conclusão de que a melhor maneira de investir em uma localidade com uma brigada blindada é compondo FT unidades e que o tipo de investimento mais apropriado para o emprego da mesma é o investimento seletivo.

A integração das diversas partes do trabalho permite apresentar as seguintes recomendações a título de sugestão:

- sugere-se que para o investimento a uma localidade os BIB e os RCC sejam organizados em FT valor unidade com adequado apoio de engenharia de modo a que essas unidades possam organizar FT subunidades autônomas para as ações no interior da localidade;

- sugere-se que a brigada blindada empregue a técnica de investimento seletivo, por conta da sua organização, características possibilidades e limitações;

- para o investimento seletivo, sugere-se que a brigada seja organizada em uma força de assalto, com predominância de carros de combate, uma força de limpeza/segurança, forte em fuzileiros, podendo essas forças também serem equilibradas e uma reserva no valor subunidade;

- para o investimento seletivo é importante selecionar frentes de modo a empregar a força de assalto na parte mais fraca do inimigo, conforme preconiza a Doutrina Delta;

- sugere-se que a instrução dos quadros dos BIB e dos RCC deva contemplar o combate em ambiente urbano com o emprego dos meios orgânicos, de modo a permitir a compreensão de como esses meios se comportam em localidade;

- sugere-se que os estabelecimentos de ensino do Exército Brasileiro continuem aprofundando o estudo do tema combate urbano, em especial, enfocando o emprego dos meios blindados;

- sugere-se que o CIBId, o CAAAdEX e o CIOpPaz continuem a tratar do tema, que aumentem a abordagem referente ao emprego de meios blindados em ambiente urbano em suas atividades de instrução e avaliação do adestramento e que aumentem também a troca de informações advindas do emprego de frações no terreno;

- sugere-se aprofundar o estudo a respeito da influência do ambiente urbano na determinação do poder de combate e poder relativo de combate, com vistas a atualizar as tabelas previstas nos DAMEPLAN.

Esse trabalho não teve a pretensão de esgotar o assunto, mas aumentar o interesse sobre o mesmo, pesquisar fontes de consultas que permitam o aprofundamento da discussão a respeito do tema e, por fim, contribuir para a melhoria da doutrina do EB, no escalão brigada propondo um tipo de organização para o cumprimento da missão.

E para manter a latente necessidade de pesquisar o assunto, um questionamento deve ficar para a reflexão: o combate urbano é típico de pequenas frações ou essa assertiva só é válida por que ainda não há uma doutrina detalhada para o emprego da brigada e superiores?

6 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Pessoa Cavalcanti. **Os “Tanks” na Guerra Européa**. 1.ed. Rio de Janeiro, 1921, p. XV).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação: referências-elaboração. Rio de Janeiro, 2002a.

BOWDEN, Mark. **Falcão Negro em perigo – A história de uma guerra moderna**. 1. ed. São Paulo: Landscape, 2001.

BRACKEN, Paul. A Expansão Urbana e a Defesa da OTAN. **Military Review**. p. 68-76, Out. 1977.

BRASIL. Exército. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. **Anteprojeto das IP 17-30: Brigadas Blindadas**. Rio de Janeiro, 2001.

_____. **ME 21- 253: Formatação de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses**. Rio de Janeiro, 2004.

_____. **ME 21- 259: Trabalhos acadêmicos na ECEME**. Rio de Janeiro, 2004.

_____. **ME 101-0-3: Dados Médios de Planejamento Escolar**. Rio de Janeiro, 2004.

_____. **QOES 100-1: Organização das Forças Terrestres no Teatro de Operações Terrestre**. Rio de Janeiro, 2004.

Brasil. Exército. Estado-Maior do Exército. **C 7-20: Batalhões de Infantaria**. 3. ed. Brasília, DF, 2003.

_____. **C 17-20: Forças Tarefas Blindadas**. 3. ed. Brasília, DF, 2002.

_____. **C 20-1: Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército**. 3. ed. Brasília, DF 2003.

_____. **C 21-30: Abreviaturas, Símbolos e Convenções Cartográficas**. 4.ed. Brasília, DF 2002.

_____. **C 100-5: Operações**. 3. ed. Brasília, DF, 1997.

_____. **C 124-1: Estratégia**. 3.ed. Brasília, DF, 2001, p. 3-2.

_____. **IP 100-1: Bases para a Modernização da Doutrina de Emprego da Força Terrestre (Doutrina Delta)**. 1. ed. Brasília, DF, 1996.

_____. **Portaria Nº 088, Aprova a Diretriz de Implantação do Projeto Leopard 1**. Brasília, DF, 18 jul 2007.

BRASIL. Ministério do Exército. Estado Maior do Exército. **C 31-50 Combate em Zonas Fortificadas e Edificadas**. 1. ed. Brasília, DF, 1976.

BREGMAN, Ahron. **Israel's Wars – A History since 1947**. 2. ed. London: Routledge, 2000.

CHIARELLI, Peter; Michaelis, Patrick. Armor in Urban Terrain: The Critical Enabler. **Armor Magazine**. Fort Knox, p. 7-12, mar. e abr., 2005.

ESTADOS UNIDOS. Army. 3th Infantry Mechanized Division. **After Action Report Operation Iraqi Freedom**. Washington, D.C., 2003.

_____. Army. **FM 3-06: Urban Operations**. Washington, D. C., 2003.

_____. Army. **FM 3-06.11: Combined Arms Operations in Urban Terrain**. Washington, D. C., 2002.

_____. Army. **FM 90-10.1 An Infantryman's Guide to Combat in Built-up**. Washington, D.C., 1993.

_____. Department of the Army. Center for Army Analysis. **The Historical Combat Effectiveness of Lighter-Weight Armored Forces – Final Report**. The Dupuy Institute. Fort Belvoir. Virginia, 2001.

_____. **Measuring the effects of combat in cities Phase I. Report**. The Dupuy Institute. Fort Belvoir. Virginia, 2002.

_____. Department of the Navy. United States Marine Corps. Marine Corps **Reserve Forces in Operation Iraqi Freedom: Lessons Learned**. Washington, D.C., 2004.

_____. Secretary of Defense. Joint Staff. **Joint Publications 3-06: Doctrine for Joint Urban Operations**. Washington, D.C., 2002.

_____. US Army Combined Arms Center. **FM 3-06: Doctrine for Joint Urban Operations**. Washington, D.C., 2002.

FAURBY, Ib. **The Battle(s) of Grozny**. Royal Danish Defense College. Baltic Defense Review, Nr. 2, 1999, p. 75-87. Disponível em <http://www.caucasus.dk/publications1.htm>. Acesso em 29 de mai de 2007.

GAWRYCH, George, W. **Siege of Beirut**. Disponível em <http://www.globalsecurity.org/military/library/report/2002/MOUTGawrych.htm>. Acesso em: 24 de mar. de 2007.

GEIBEL, Adam. Lições em Combate Urbano– Grozny, Noite de ano Novo. **Military Review**. 3º quadrimestre, p. 33-40, jul./set. 1997.

GOHN, Maria da Glória. **O futuro das cidades**. Nas Redes da Educação – Revista Eletrônica. Unicamp, Campinas, SP, [2000?]. Disponível em:<http://www.lite.fae.unicamp.br/revista/art03.htm>>. Acesso em 21 nov. 2007.

GUERRA EM BAGDÁ. Direção: Tim Pritchard. Edição: Paul Jarvis e Glenn Rainton. Produção: Tim Pritchard Darlow e Smithson Production, 2004. 1 DVD (100 min), son.,color.

HANN II, Robert F. O Combate Urbano e o Combatente Urbano de 2025. **Military Review**, Fort Leavenworth, KA, v 81, n. 2, p.36-46, 2. quadrim 2001.

INTERCÂMBIO DE COOPERAÇÃO DE ESPECIALISTAS BRASIL / EUA, 1., 2003 Rio de Janeiro. **Tropas Mecanizadas**. Rio de Janeiro: EME, 2003

INTERCÂMBIO DE COOPERAÇÃO DE ESPECIALISTAS BRASIL / ISRAEL, 1., 2005, Tel Aviv. **O Corpo Blindado das Forças de Defesa de Israel**. Tel Aviv. Israel, 2005.

INTERNATIONAL MASTER GUNNER CONFERENCE / DINAMARCA, 2004, Copenhagen. **Chechnya Brief**. Copenhagen. Dinamarca, 2004.

_____. **Israeli Army in Urban Operations**. Copenhagen. Dinamarca, 2004

_____. **Israeli Urban Ops Lessons Learned1**. Copenhagen. Dinamarca, 2004.

_____. **Russian Lessons from Grozny (F)**. Copenhagen. Dinamarca, 2004.

_____. **US National Presentation Urban Lessons Learned**. Copenhagen. Dinamarca, 2004.

JENKINSON, Brett C.. **Tactical Observations from the Grozny Combat Experience**. Kansas, 2002. 145 fl. Monograph (Master Degree) – Command and General Staff College, Fort Leavenworth.

JUNIOR, Hudson Duarte Lima Rocha. **O emprego da força-tarefa blindada brasileira na conquista de uma localidade**. Rio de Janeiro, 2005. 133 fl. Dissertação. (Mestre em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado Maior do Exército.

KAHALANI, Avigdor. **A Warrior's Way**. 1. ed. Tel Aviv: Steimatzki, 1999.

KEEGAN, John. **A Guerra do Iraque**. 1.ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2005.

KEITH, J.,D.. 3d Squadron, 7th US Cavalry Up Front: Operation Iraqi Freedom Lessons Learned. **Armor Magazine**, Fort Knox, p. 26-31 set. e out. 2003.

KRIVITSKY, S.; TAYLOR, MICHAEL. Death Before Dismount: Transforming an Armor Company. **Armor Magazine**, Fort Knox, p. 26-34 mar. e abr. 2005.

LACEY, Jim. **Take Down: the 3rd Infantry Division's twenty-one day assault on Baghdad**. 1.ed. Maryland: Naval Institute Press, 2007.

LEAF, James, D. MOUT and the 1982 Lebanon Campaign: The Israeli Approach. **Armor Magazine**, Fort Knox, p. 8-11, jul e abr 2000.

MADDOX, Brian. Checkmate on the Northern Front: The Deployment of TF 1-63 Armor in Support of Operation Iraqi Freedom. **Armor Magazine**, Fort Knox, p. 6-10, sep. and jul. 2003.

ROCHA, Álvaro Henrique de Mendonça. **O combate urbano na defesa de localidade: casos históricos e seus ensinamentos para o Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro, 2005. 83 fl. Trabalho de Conclusão de Curso. (Especialização em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

SCHIFF, Ze'ev; YA'ARI, Ehud. **Israel's Lebanon War**. 1.ed. New York: Simon and Schuster, 1984

SHUKI. Shichrur. **Reaserch for Masters Degree**. Mensagem recebida por mexquita@gmail.com em 11 de março 2007.

SILVA, Ramon Marçal da. **Guerra da Chechênia: implicações na doutrina de ataque a localidades**. Rio de Janeiro, 2001. 43 fl. Monografia (Curso de Altos Estudos Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

SOLLEY, George C.. **The Israeli Experience in Lebanon, 1982-1985**. Quantico, Virginia, 1987. 153 fl. Monograph (Master Degree) – Marine Corps Command and Staff College.

SPEYER, Arthur L. III. **The sides of Grozny**. Preparing for Urban Operations in the Twenty-First Century: Proceedings of the RAND Arroyo-TRADOC-MCWL-OSD Urban Operations Conference held in Santa Monica, CA 22-23 March 2000

THOMAS, Timothy. L.. **"The 31 December 1994- 8 February 1995 Battle for Grozny"**. Disponível em <http://www.globalsecurity.org/military/library/report/2002/MOUTThomas.htm>. Acesso em: 25 mar. 2007.

_____. **"The Battle of Grozny: Deadly Classroom for Urban Combat"**. Disponível em <http://www.globalsecurity.org/military/library/report/1999/990000-battle.htm> . Acesso em 28 mar. 2007.

_____. **"Grozny 2000: Urban Combat Lessons Learned"**. Disponível em <http://www.globalsecurity.org/military/library/news/2000/07/grozny2000.htm>. Acesso em 28 mar. 2007.

ZUCCHINO, David. **Thunder Run: the armored strike to capture Baghdad**. 1. ed. New York: Grove Press, 2003.